

D I C I O N Á R I O _
C R Í T I C O _ D E _
E D U C A Ç ã O _ E _
T E C N O L O G I A S
_ E _ D E
_ E D U C A Ç ã O _
A _ D I S T Â N C I A
· · · · ·
D A N I E L _ M I L L
_ (O R G .)

estilos de participação virtual

ver: ■ estilos de aprendizagem ■ estudante virtual ■

estudante da educação a distância

ver: ■ estudante virtual ■

estudante virtual

Daniel Mill

1. Em sentido mais geral, o termo *estudante virtual* ou *estudante da educação a distância* faz referência ao educando de cursos a distância realizados por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), geralmente localizados em lugar e momento distintos do espaço e do tempo dos professores. Essa condição de aprendizagem virtual, mediada por tecnologias e sem frequente contato direto com os educadores, exige do sujeito aprendiz uma condição de estudos diferente da forma tradicional, presencial, de aprendizagem. A forma de estudar, as características e o perfil do estudante da educação virtual, efetivada no ciberespaço, bem como suas estratégias de organizar seus estudos, mudam sobremaneira e, por isso, é importante que educadores e gestores conheçam o estudante virtual.

Dessa forma, o melhor entendimento do sujeito que estuda pela modalidade de educação a distância (EaD) implica pensar esses estudantes pela percepção que têm de si próprios, em suas condições reais, buscando identificar as principais estratégias que desenvolveram para realizar adequadamente seus estudos concomitantemente (e em concorrência) ao convívio familiar, ao trabalho, ao lazer e a outras responsabilidades desse sujeito aprendente, no mesmo espaço (lugar) e no mesmo tempo (momento). Para Mill e Batista (2013), o planejamento e a organização dos estudos e a motivação pessoal e a dedicação para cumprir as atividades são essenciais ao estudante da EaD. Isso significa que o "aprender a aprender" na EaD pode ser mais complexo para os estudantes ainda habituados a perspectivas de aprendizagem típicas da educação presencial. É provável a frustração quando o estudante, culturalmente habituado com a educação presencial, não faz as devidas adequações em suas estratégias para desenvolver as atividades de educação virtual. Para Pallof e Pratt (2004, p. 33), essa frustração ocorre quando o aluno virtual busca por experiências tradicionais de ensino, tendo o professor como fonte de conhecimento e de direcionamento. Para as autoras, se a formação está sendo desenvolvida em um ambiente não tradicional (tal como na sala de aula virtual), as estratégias do estudante devem ser diferenciadas, pois o conhecimento e os significados são criados em conjunto, por meio da participação na comunidade de aprendizagem. Nesse sentido, a formação de comunidades de aprendizagem é a objetivação do novo ambiente virtual de aprendizagem, em que o estudante se torna mais responsável pela própria construção do conhecimento, em colaboração com colegas, materiais didáticos e educadores (Mill e Batista 2012 e 2013).

2. Segundo Delors (1998), o estudante contemporâneo deve aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver com os outros. Nesse contexto, a capacidade de refletir aparece como qualidade necessária e fundamental para o aluno da educação virtual (Pallof e Pratt 2004, p.27), e o bom estudante, especialmente na EaD, passa a ser o gestor da própria formação e com capacidade de refletir sobre sua realidade para tomar decisões em situações adversas (Mill e Batista 2012 e 2013). Isto é, a capacidade de saber buscar e gerenciar sua própria formação está na base da estrutura de aprendizagem no contexto das TDICs. Assim, Moore e Kearsley (2008, p. 192) observam que os alunos com poucas aptidões para o estudo, o gerenciamento do tempo ou de comunicação geralmente terão dificuldades com a EaD. Segundo Pereira (2006, p. 42), uma das principais razões do insucesso na EaD é que as dificuldades enfrentadas pelo estudante virtual podem transformar a aprendizagem numa tarefa árdua, podendo levar ao abandono por falta de motivação e tenacidade. Geralmente, a pouca experiência em EaD leva os alunos a acreditarem que seja mais fácil que os cursos presenciais e, quando descobrem que estavam equivocados, desistem (Moore e Kearsley 2008, p. 190). Por isso, "o aluno virtual deve ser aberto, flexível, honesto e ter, de fato, vontade de assumir a responsabilidade pela formação da comunidade e de trabalhar em conjunto" (Pallof e Pratt 2004, p. 41).

Petersen (2006) afirma que, sendo adultos na sua maioria ou por padrão, os estudantes de educação virtual caracterizam-se também por enfrentarem barreiras distintas daquelas vividas por estudantes de educação presencial e, ainda mais, por estudantes ainda crianças ou adolescentes. Para Delors (1998, p. 103), a tradicional divisão da vida humana (períodos de infância e juventude, idade adulta e velhice) já não corresponde às exigências contemporâneas e futuras. Portanto, a aprendizagem ao longo da vida passa a ser mais regular e desejada; dessa forma, a proposta de educação para essa faixa etária merece novos cuidados pedagógicos, pois, como afirma Depryck (2006, p. 12), a aprendizagem dos adultos difere em vários aspectos da aprendizagem das crianças; portanto, o entendimento do estudante da EaD deve considerar essas diferenças.

Estudantes da EaD, adultos, são motivados para a aprendizagem de modo diferente do que estudantes da educação presencial, especialmente as crianças, pois geralmente querem criar e manter relações sociais, corresponder a expectativas externas, servir melhor os outros, desenvolver-se profissionalmente etc. (Depryck 2006, p. 12). Sendo adultos, os estudantes tendem a se desenvolver melhor pelas quatro premissas da aprendizagem situada: 1) a aprendizagem enraíza e fundamenta-se nas situações do cotidiano; 2) o conhecimento adquire-se em situação e é transferido para situações semelhantes; 3) a aprendizagem resulta de um processo social que acompanha o pensamento, a percepção, a resolução de problemas e a interação, aliados ao conhecimento declarativo e prático; 4) a aprendizagem não existe separada da ação e resulta de um ambiente social complexo de atores, ações e situações (Okada e Barros 2010, p. 35). Nesse sentido, Petersen (2006, p. 79) argumenta que é muito importante conhecer bem os estudantes adultos: geralmente, são mais autônomos

e autodirigidos, orientados para objetivos, centrados nos problemas. Eles precisam saber os motivos e/ou fundamentos de estarem aprendendo algo, precisam de uma abordagem pragmática e possuem uma experiência de vida. Os adultos são, geralmente, autodirigidos por objetivos pessoais, valorizam a sua autonomia e preferem conhecimentos com aplicabilidade imediata (Pereira 2006, p. 42). Ademais, segundo Petersen (2006, p. 70), os adultos têm muitas outras responsabilidades, podem ter falta de tempo, podem ter falta de dinheiro, podem ter que tomar conta de crianças, têm problemas de agenda, podem ter problemas de transporte e podem ter que aprender sem estar interessados nem prontos para fazê-lo.

3. As condições temporais (e espaciais) para estudos na EaD são mais complexas do que na educação presencial. Como afirmam Palloff e Pratt (2004, p. 99), o aluno da educação virtual, com frequência, não se dá conta de quanto tempo é necessário para participar de um curso *on-line* e finalizá-lo. No mesmo sentido, Carelli (1998, p. 1) entende que “as condições temporais, consideradas como das mais relevantes [para EaD], referem-se ao intervalo de tempo que o aluno tem para dedicar-se a trabalhos extraclasse, a fim de completar seus estudos e reforçar seu desempenho acadêmico”. Ou seja, há um complicador: o próprio estudante de EaD precisa gerenciar seus tempos e espaços de estudos, articulando-os com suas obrigações familiares, de trabalho e de lazer (Mill e Batista 2012). A necessidade de organizar-se para coordenar múltiplas áreas de interesse, obrigações e responsabilidades diferentes para combiná-las com seus estudos afeta, em geral, as condições a que são submetidos o estudante virtual em seus estudos pela EaD, o que exige do educando maior capacidade de automotivação, persistência e tenacidade (Pereira 2006, p. 41).

Normalmente, esse perfil de estudante está diretamente relacionado ao seu nível de organização, disciplina e dedicação aos estudos. A regularidade e a prioridade dadas aos estudos também influenciam aspectos de automotivação, permanência e persistência em contextos reais de trabalho, família e lazer dos estudantes de EaD. As condições objetivas de cada estudante – por exemplo, o nível de dedicação e o comprometimento com o curso, a organização pessoal e o disciplinamento para cumprir as obrigações acadêmicas – podem afetar diretamente suas chances de concluir um curso EaD, especialmente quando são cursos longos, tais como cursos de licenciatura ou bacharelados. Nesse sentido, é sensato que gestores institucionais e educadores (durante a elaboração dos cursos a distância) considerem os possíveis estilos de aprendizagem dos estudantes virtuais. A Escala de Grasha-Riechmann diferencia seis estilos de aprendizagem, segundo a dimensão social dos processos cognitivos (Deprick 2006 e Barros 2008): aprendentes independentes (preferem instrução ao seu próprio ritmo e trabalho solitário), dependentes (dependem da figura de autoridade e buscam estruturar-se/orientar-se pelo professor e pelos colegas), competitivos (motivados pelo desempenho superior ao dos seus pares e esperam reconhecimento pelo seu sucesso), colaborativos (partilham facilmente com colegas e preferem discussões e atividades coletivas), desinteressados (geralmente não gostam de assistir a aulas), e/ou participativos (envolvem-se com entusiasmo em atividades e discussões).

Com base nesses estilos de aprendizagem, Barros (2008) também contribui para a aprendizagem virtual, indicando os estilos de uso do espaço virtual – que são níveis de utilização dos aplicativos e das ferramentas, interfaces *on-line* baseadas na busca de informação, no planejamento e na imagem. A autora identifica a existência de quatro tendências de uso do espaço virtual: estilo de uso participativo no espaço virtual, estilo de uso de busca e pesquisa no espaço virtual, estilo de estruturação e planejamento no espaço virtual e estilo de ação concreta e produção no espaço virtual.

Todos os indivíduos possuem alguns aspectos de cada um desses estilos de aprendizagem e de uso do espaço virtual. Segundo Deprick (2006, p. 13), há diferenças significativas nos estilos de aprendizagem de estudantes de educação virtual em relação a estudantes de educação presencial/tradicional: em geral, estudantes de EaD são mais independentes na sua aprendizagem. Todavia, como argumentam Palloff e Pratt (2004, p. 26), a liberdade e a flexibilidade do ambiente virtual trazem consigo maior responsabilidade.

4. A maior dificuldade encontrada pelo aluno da EaD é a de assumir responsabilidades e se esforçar. Para Mill e Batista (2012 e 2013), ele revela que são importantes as características de disciplinamento, organização, comprometimento, determinação, dedicação e foco nos objetivos, assumindo para si que sabe o que quer e que tem muita força de vontade para concluir seus estudos. Nesse sentido, Petersen (2006, pp. 68-69) sistematiza e apresenta algumas competências e habilidades essenciais ao estudante da educação virtual:

- 1) estar aberto a partilhar experiências pessoais, profissionais e educativas como parte do processo de aprendizagem;
- 2) ser capaz de comunicar suas ideias por meio da escrita;
- 3) ser automotivado e autodisciplinado;
- 4) ter disposição para “falar” caso surjam problemas;
- 5) estar disposto a dedicar o tempo necessário e ter condições para fazê-lo;
- 6) ser capaz de corresponder aos requisitos mínimos do programa;
- 7) aceitar o pensamento crítico e a tomada de decisões como parte do processo de aprendizagem;
- 8) ter acesso a tecnologias telemáticas (computador, internet e *softwares*, em especial);
- 9) ser capaz de pensar, discutir, ponderar ideias antes de responder;
- 10) sentir que é possível aprender fora da sala de aula tradicional.

Segundo os próprios alunos da EaD, as estratégias de organização dos estudos devem considerar as condições objetivas de vida pessoal, trabalho e lazer (Mill e Batista 2012). Eles destacam seis categorias de estratégias para os estudos: ter motivação pessoal e disciplina, planejar a agenda de estudos, criar rotina diária de estudos, evitar acúmulo de atividades, usar recursos tecnológicos de apoio (tradicionais ou informáticos) na organização dos estudos e flexibilizar a agenda prevista para

adequação à dinâmica dos estudos e imprevistos (Mill e Batista 2013). Essa discussão sobre o estudante adulto, com aprendizagem autodirigida, tem respaldo nas discussões de Knowles (1970, 1986), sobre andragogia (teoria de aprendizagem dos adultos), e de Hase e Kenyon (2001), sobre a andragogia-heutagogia (estudo da aprendizagem autodeterminada). Entre os pressupostos da andragogia, estão estes: definição do que lhe é mais relevante, exploração das próprias vivências e experiências, responsabilidade e controle sobre o próprio aprendizado, coparticipante nas decisões sobre o que e como aprender etc.

5. Para Litwin (2001, p. 14), os espaços e os tempos possíveis em cursos virtuais pressupõem um certo grau de autonomia, mas a autonomia não deve ser confundida com autodidatismo, em que o estudante é responsável pela seleção dos conteúdos a serem estudados. Nesse sentido, cabe destacar que a prática reflexiva e aprendizagem colaborativa subentendidas na relação pedagógica de uma comunidade de aprendizagem não prescindem da docência, embora seja necessário ao estudante um maior grau de autonomia, autodisciplina, organização e responsabilidade pelo próprio desenvolvimento e desempenho acadêmico (Mill e Batista 2012). Ou seja, como argumenta Depryck (2006, p. 12), continuará sendo importante a mediação também no processo educacional virtual: um mediador (professor, tutor, progenitor, irmão etc.) interpreta o meio envolvente e auxilia o outro na construção de conhecimentos.

Dessa forma, para uma aprendizagem *on-line* eficaz, o professor atua como facilitador, incentivando os alunos a serem responsáveis por seu próprio processo de aprendizagem (Palloff e Pratt 2004, p. 148), em que o papel do professor como repassador de informações deixa de existir e dá lugar ao perfil docente de agente organizador, dinamizador e orientador da construção do conhecimento, que é realizada pelo aluno – também responsável pela sua própria autoaprendizagem contínua (Alves e Nova 2002). Ganha espaço a função do educador como orientador ou intérprete do ambiente que envolve o estudante em suas atividades acadêmicas. Vale destacar, ainda, que a discussão em torno da aprendizagem do estudante virtual deve ser feita de forma contextualizada, considerando a função social da educação na atualidade e também outros aspectos típicos da cibercultura. Nesse sentido, o meio envolvente, o contexto social e o outro passa a ter importância crucial no desenvolvimento cognitivo do estudante – o que tem sido considerado e incorporado no modelo pedagógico das propostas de EaD mais recentes. No âmbito da educação virtual, o envolvimento com a aprendizagem colaborativa e a prática reflexiva implícita na aprendizagem transformadora é que diferenciam a comunidade de aprendizagem *on-line* (Palloff e Pratt 2004, p. 39).

☞ Ver também:

■ autonomia do estudante na educação a distância ■ autoria na cultural digital ■ competências em educação a distância ■ educação ■ educação a distância ■ estilos de aprendizagem ■ fluência digital e educação ■ letramento digital ■ metodologias

ativas ■ participação virtual na educação a distância ■ persistência e evasão na educação superior a distância ■ planejamento pessoal de estudos ■ técnicas de estudo na educação a distância ■ tecnologia ■

Referências bibliográficas

- ALVES, L. e NOVA, C. (2002). "Tempo, espaço e sujeitos da educação a distância". In: JAMBEIRO, O. e RAMOS, F. (orgs.). *Internet e educação a distância*. Salvador: Edufba, pp. 41-55.
- BARROS, D.M.V. (2008). "Reflexões de base para a educação a distância: O virtual como novo espaço educativo". *Revista Udesc*, pp. 10-20. [Disponível na internet: <http://revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/viewFile/1650/1329>.]
- CARELLI, M.J.G. e SANTOS, A.A.A. (1998). "Condições temporais e pessoais de estudos em universitários". *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 2, n. 3, Campinas, pp. 1-16.
- DELORS, J. (1998). *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/Unesco.
- DEPRYCK, K. (2006). "Ensino a distância: O quê, por quê e para quem?". In: VERMEERSCH, J. (org.). *Iniciação ao ensino a distância*. Brussel: Het Gemeenschapsonderwijs, pp. 9-16.
- HASE, S. e KENYON, C. (2001). "Moving from andragogy to heutagogy: Implications for VET". *Proceedings of Research to Reality*, Adelaide. [Disponível na internet: http://epubs.scu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1147&context=gcm_pubs, acesso em 5/11/2017.]
- KNOWLES, M. (1970). *The modern practice of adult education: Andragogy versus pedagogy*. Nova York: Association Press.
- _____. (1986). *The adult learner: A neglected species*. Houston: Gulf Publishing Company.
- LITWIN, E. (2001). *Educação a distância: Temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed.
- MILL, D. e BATISTA, V.L.L. (2012). "Aprendizagem na educação a distância virtual: Percepção estudantil sobre dificuldades e estratégias relacionadas à organização dos estudos". In: FIDALGO, F. et al. (orgs.). *Educação a distância: Tão longe, tão perto*. Belo Horizonte: Caed/UFGM, pp. 177-194.
- _____. (2013). "Estratégias de organização dos estudos na educação virtual pela visão dos estudantes". In: MILL, D. e MACIEL, C. (orgs.). *Educação a distância: Elementos para pensar o ensino-aprendizagem contemporâneo*. Cuiabá: EdUFMT, pp. 241-268.
- MOORE, M. e KEARSLEY, G. (2008). *Educação a distância: Uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning.
- OKADA, A. e BARROS, D.M. (2010). "Ambientes virtuais de aprendizagem aberta: Bases para uma nova tendência". *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 3, pp. 20-35. [Disponível na internet: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2010/educacao_3/2-ambientes_virtuais_de_aprendizagem_aberta-bases_para_uma_nova_tendencia-alexandra_okada-daniela-melare-vieira-barros.pdf.]
- PALLOFF, R.M. e PRATT, K. (2004). *O aluno virtual: Um guia para trabalhar com estudantes on-line*. São Paulo: Artmed.
- PEREIRA, A. (2006). "Aspectos pedagógicos no ensino a distância". In: VERMEERSCH, J. (org.). *Iniciação ao ensino a distância*. Brussel: Het Gemeenschapsonderwijs, pp. 41-54.
- PETERSEN, P.M. (2006). "Aprendizagem no ensino a distância". In: VERMEERSCH, J. (org.). *Iniciação ao ensino a distância*. Brussel: Het Gemeenschapsonderwijs, pp. 67-80.